



***O COTIDIANO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS ARTES  
DE FAZER: AS ASTÚCIAS DE MULHERES PROFESSORAS***

***EL COTIDIANO ESCOLAR DE EDUCACIÓN INFANTIL Y SUS ARTES  
DE HACERLO: LAS ASTUCIAS DE LAS MUJERES PROFESORAS.***

***THE DAILY SCHOOL ROUTINE OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION  
AND ITS ART OF DOING: THE STRATEGIES OF WOMEN TEACHERS***

*Fernanda Batista Moreira de Andrade<sup>1</sup>*

*Marco Antônio Torres<sup>2</sup>*

**RESUMO**

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa em andamento, que tem por objetivo analisar a dinâmica e os efeitos da experiência docente de mulheres professoras da educação infantil da Rede Municipal de Belo Horizonte. Trata-se da revisão de literatura das principais noções que servem para as análises da pesquisa: experiência ética em Michel Foucault e astúcias em Michel de Certeau. Entende-se que as professoras analisadas, por meio de um certo número de astúcias, agem, no cotidiano escolar, a partir de outros esquemas e com base em outros saberes, operando resistências, rupturas e desvios em relação às recomendações oficiais e teóricas. Nesse sentido, elas criam, por meios dessa prática, um estilo de docência próprio, ou seja, uma determinada experiência docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil. Experiência Docente. Michel Foucault. Cotidianos Escolares. Estudos de Gênero.

**RESUMEN**

Este artículo presenta parte de una investigación en curso, que tiene como objetivo analizar la dinámica y los efectos de la experiencia docente de las profesoras mujeres de la educación infantil en la Red Municipal de Belo Horizonte. Se trata de una revisión bibliográfica de las principales nociones que sirven para el análisis de la investigación: experiencia ética en Michel Foucault y astucia en Michel de Certeau. Se entiende que las profesoras analizadas, por medio de un cierto número de artimañas, actúan, en el

<sup>1</sup>Pedagoga, mestre e doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto, bolsista FAPEMIG. Participante dos grupos de pesquisa Caleidoscópio/UFOP e Panóptico/UFMG. Pesquisa questões de gênero nos contextos educacionais.

<sup>2</sup>Doutor em Psicologia e pós-doutorado em Educação. UFOP, Mariana, MG, Brasil.

cotidiano escolar, desde otros esquemas y con base en otros saberes, operando resistencias, rupturas y desviaciones en relación a las recomendaciones oficiales y teóricas. En este sentido, ellas crean, a través de esa práctica, un estilo de docencia propio, es decir, una determinada experiencia docente.

**PALABRAS-CLAVE:** Educación Infantil. Experiencia Docente. Michel Foucault. Cotidiano Escolar. Estudios de Género.

### ABSTRACT

This article presents part of an ongoing study, which aims to analyze the dynamics and effects of the teaching experience of women teachers of early childhood education in the Municipal Network of Belo Horizonte. It is a literature review of the main concepts that were used to analyze the study: ethical experience in Michel Foucault and strategies in Michel de Certeau. It is understood that the surveyed teachers, through a certain number of strategies, act, in the school daily routine, from other schemes and based on other knowledge, producing resistances, ruptures and deviations in relation to the official and theoretical recommendations. In this sense, they create, through this practice, a teaching style of their own, that is, a particular teaching experience.

**KEYWORDS:** Early Childhood Education. Teaching experience. Michel Foucault. School daily life. Gender Studies.

\* \* \*

Revista  
**Diversidade**  
e Educação

*Ao menos, não contes a ninguém os teus planos.  
Guarda segredo, que assim também o farei.  
Sófocles*

### Introdução

“Da porta para dentro, a turma é sua”. Essa frase, muito conhecida nos cotidianos das escolas, reforça a autonomia do(a) professor(a) no trabalho com os(as) estudantes. No entanto, um período de tempo vivenciado como professora na educação infantil foi suficiente para que uma das autoras deste artigo escutasse a frase ser pronunciada diante de uma situação específica: quando, nas reuniões escolares, não há escuta das demandas por parte dos(as) gestores.

Tal recomendação preconiza que, independentemente das orientações acerca do trabalho pedagógico que resultam dessas reuniões, quando “fecha a porta da sala”, a professora age a partir de outros esquemas, operando resistências, rupturas e desvios em relação às normas oficiais e em relação ao campo teórico. Dessa forma, as professoras encontram possibilidades de atuar com base em outros saberes, utilizando outras práticas didáticas, métodos, conteúdos e discursos. Isso parece permitir que elas

construam para si mesmas um certo modo de fazer, ou além, uma certa experiência docente. Isso porque, formando resistências, subvertendo o que as normas oficiais e o campo teórico demandam, elas constroem um estilo de docência próprio.

Esse estilo de docência próprio parece ser alcançado por meio de astúcias, que podem ser: conseguir cópias de uma atividade sem precisar da autorização da coordenação, por ter proximidade com a pessoa responsável pela fotocopadora; conseguir materiais para grandes projetos direto com o almoxarifado; apresentar um planejamento sem ter interesse em executá-lo; articular entre as pares o compartilhamento de atividades que não estão de acordo com o planejamento oficial; buscar atividades a serem desenvolvidas com os(as) estudantes em sites e blogs de professoras; e, na mesma medida, escapar de análises e reflexões do campo teórico e/ou, em certa medida, negá-las. Ressalta-se que, além de agirem a partir de outros esquemas e com base em outros saberes, essas professoras também recomendam a mesma prática para outras mulheres professoras nos momentos em que suas falas e demandas não são acolhidas pela gestão escolar. Dessa forma, as professoras conseguem, por exemplo, propor, para crianças da educação infantil, atividades que antecipam a alfabetização, prática muito comum entre elas. Trata-se de um desvio, haja vista que o campo teórico e as normas oficiais recomendam outra coisa.<sup>3</sup> À primeira vista, tais práticas parecem, configurar uma resistência, aqui compreendida no sentido de inércia no trabalho pedagógico escolar.

Este artigo apresenta uma revisão de literatura com as principais noções a serem utilizadas em uma pesquisa de doutorado em andamento: experiência ética em Michel Foucault e astúcias em Michel de Certeau. Ancorada nessas noções, a pesquisa tem por objetivo verificar a dinâmica e os efeitos das práticas dessas professoras que, por meio de astúcias, operam resistências, rupturas, desvios em relação às normas e recomendações oficiais e em relação ao campo teórico.

### **As astúcias em Michel de Certeau e a experiência ética em Michel Foucault**

Para analisar a prática dessas professoras - que agem a partir de outros esquemas e com base em outros saberes, operando resistências, desvios e rupturas em relação às

---

<sup>3</sup> Para saber mais sobre isso, ver: CARVALHO, Rodrigo Saballa de Carvalho. FOCHI, Paulo Sergio. Pedagogia do cotidiano reivindicações do currículo para formação de professores. *Em Aberto*, Brasília, v. 30, n. 100, p. 23-42, set./dez. 2017.

recomendações teóricas e normativas -, utilizamos a noção de astúcia pensada por Certeau (2021). Para o autor, a astúcia é um certo mecanismo de resistência que promove processos de desvio; trata-se de uma arte do fazer que “tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformar em ‘ocasiões’” (CERTEAU, 2021, p. 45). Por isso, é uma tática que “depende do tempo, vigiando para ‘captar no voo’ possibilidades de ganho” (CERTEAU, 2021, p. 45). O saber das astúcias é um saber não sabido; “tal como o dos poetas ou pintores, o saber-fazer das práticas cotidianas não seria conhecido, senão pelo intérprete que o esclarece em seu espelho discursivo” (CERTEAU, 2021, p. 134). Citando Certeau (2021), Giard (2021) afirma que as astúcias são “escapatórias [...] vindas de ‘imemoriais inteligências’, enraizada no passado da espécie” (p. 18). Trata-se de “uma arte de viver no campo do outro” (CERTEAU, 2021, p. 81). Assim, essa prática se exerce na cultura ordinária, onde “a ordem é exercida por uma arte’ [...] ao mesmo tempo exercida e burlada” (GIARD, 2021, p. 19) e tem, como ganho, pequenos sucessos. Isso implica uma prática que se realiza na relação de poder, ou melhor, como mecanismo de resistência.

Também utilizamos a noção de experiência proposta por Foucault (2012), qual seja: “a correlação, em uma cultura, entre os campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 2012, p. 10). Importa ainda mencionar que a experiência ética em Foucault implica “um jogo de verdade, relações de poder, forma de relações consigo mesmo e com os outros” (FOUCAULT, 2012 *apud* CASTRO, 2009, p. 162). Dito de outro modo, trata-se de entender que os sujeitos se constituem a si mesmos, sua subjetividade, de maneira ativa, ressignificando-se a si mesmos a partir das relações que estabelecem com os saberes, o código e a regra, os signos e as possibilidades da cultura. No caso da pesquisa em andamento, trata-se de entender a relação das professoras com as recomendações teóricas ou normativas e com as orientações da gestão escolar no cotidiano, ou seja, com uma ordem exercida e burlada (GIARD, 2021).

Ainda, é preciso compreender qual a relação das professoras com outros saberes aos quais elas se sujeitam: os saberes das astúcias. Um saber que “fica circulando entre a inconsciência dos praticantes e a reflexão dos não praticantes, sem pertencer a nenhum. Trata-se de um saber anônimo e referencial, uma condição de possibilidade das práticas ou técnicas eruditas” (CERTEAU, 2021, p. 134). Em Foucault, os saberes das professoras poderiam ser considerados “saberes não qualificados e mesmo

desqualificados [...] [o] saber das pessoas e que não é de forma alguma um saber comum, um bom senso mas, ao contrário, um saber particular, regional, local, um saber diferencial incapaz de unanimidade” (FOUCAULT, 2015, p. 266).

A noção de experiência ética foi elaborada por Foucault com o objetivo de construir uma história da subjetividade. Os elementos da experiência ética - os saberes, o código e a regra, os signos e as possibilidades da cultura - podem ser localizados por meio do estudo dos/nos/com os cotidianos, proposto por Alves et al (2012), a partir da leitura que fazem de Certeau (2021). Para os autores, “o cotidiano é o *espaçotempo* onde as coisas acontecem e nos afetam [...] e por isso mesmo, foca-se nas práticas ou nas maneiras de fazer a partir das quais os seres humanos comuns, em suas ações comuns, fabricam e inventam coisas a partir daquilo que lhes é imposto” (ALVES *et al*, 2012, p. 55). Assim, essas práticas - incluindo, possivelmente, as práticas das professoras pesquisadas - não são algo que o indivíduo invente, mas sim “esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhes são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade, seu grupo social” (FOUCAULT, 2017a, p. 269) e que são utilizados para que se construam a si mesmos - no caso das professoras, para construir um estilo de docência.

Para Certeau (2021), essas são as práticas ou maneiras de fazer do homem comum, do “homem ordinário”. Tratam-se, portanto, de astúcias, práticas vigilantes, à espreita, que creem na criação de possíveis e que - usando as noções de Foucault (2017a) - constituem lugares de resistência; é um saber que se mantém invisível para escapar ao poder (CERTEAU, 2021).

Alves et al (2012) esclarecem a importância de uma pesquisa teórica procurar dar visibilidade a essas dinâmicas, a essas astúcias, uma vez que a invisibilidade faz parte de sua lógica operatória:

Talvez porque ao explicitá-las elas já se desvaneceram, já se transformaram em outras coisas, mas deixaram sua marca em seus “praticantes”, em sua proposta de insubmissão. [...]. Talvez para nos incentivar a seguir em nossas lutas e a confiar em nossos dispositivos de batalha. (ALVES *et al*, 2012, p. 57).

Os autores alertam, ainda, que tais dinâmicas podem ser tomadas como ideias para outras insubordinações (ALVES *et al*, 2012). Isso implica perceber as resistências

das professoras a serem pesquisadas em suas positivities, apesar de, à primeira vista, parecerem inércias<sup>4</sup> em relação ao desenvolvimento do trabalho pedagógico escolar.

Entendemos por positivities “o poder de construir domínios de objetos” (FOUCAULT, 2014, p. 65), porque “a possibilidade de resistência, para Foucault, não é essencialmente da ordem da denúncia moral ou da reivindicação de um direito determinado, mas da ordem estratégica e da luta” (CASTRO, 2009, p. 387).

Nossa pesquisa em andamento não pretende ser uma denúncia; suas análises se ocupam com a dinâmica dessa prática, dessa resistência, ou seja, com a dinâmica da estratégia e da luta.

### **A experiência docente como experiência ética**

A provocação por estudar a docência como experiência a partir da noção de sujeito ético em Foucault partiu da leitura do estudo publicado por Favacho (2019), que analisa os enunciados éticos inscritos em projetos de docentes brasileiros submetidos a uma premiação nacional. Nesse trabalho, o autor alerta que, nas pesquisas em educação que estudam a experiência docente, “um campo não se encontra ainda devidamente explorado: a experiência docente como experiência ética [e] [...] um tipo específico de ética: a ética foucaultiana” (FAVACHO, 2019, p. 1-2).

Nos seus estudos sobre a ética, Foucault dedicou-se a analisar como um sujeito se constitui como sujeito moral. Interpretando as análises do filósofo, Castro (2009) ressalta:

[...] por “moral” pode-se entender, por um lado, um conjunto de valores e regras que são propostos aos indivíduos e aos grupos por diferentes aparatos prescritivos (a família, as instituições educativas, as igrejas, etc.), de maneira mais ou menos explícita. Por outro lado, pode-se entender por “moral” os comportamentos morais dos indivíduos à medida que se adaptam ou não às regras e aos valores que lhes são propostos. No primeiro caso, pode-se falar de “código moral”; no segundo, de “moralidade dos comportamentos”. (p. 155).

Portanto, é preciso compreender a diferença que Foucault estabelece entre código moral e moralidade dos comportamentos. Enquanto código moral se refere a

<sup>4</sup> Giard (2021) entende que esboçar uma “teoria das práticas cotidianas” significa extrair seu ruído e, então, localizar as “artes de fazer” que são majoritárias na vida social, ainda que não apareçam, “senão a título de ‘resistências’ ou de inércias em relação ao desenvolvimento da produção ‘sociocultural’” (p. 16).



certas prescrições, moralidade dos comportamentos é a relação do sujeito consigo mesmo a partir das regras ou dos códigos prescritivos, que podem ser constituídos, dentre outros, pelas disciplinas que surgem na modernidade - como a psicologia, a pedagogia, a psiquiatria ou a criminologia - ou podem ser códigos doutrinários, como os que embasam o poder pastoral no cristianismo clássico. Nesse sentido, “é verdade que toda ação moral comporta uma relação ao real em que se efetua, e uma relação ao código a que se refere; mas ela implica também uma certa relação a si” (FOUCAULT, 2012, p. 37).

Dito isso, importa destacar que, de acordo com Favacho (2014), pensar a docência a partir da experiência ética é fazer uma problematização moral da docência, ou seja,

[...] compreender que saberes – nem novos nem outros – o sujeito dessa experiência produz para se livrar das verdades que insistem dominá-lo – essas verdades que vêm do Estado, da universidade, dos movimentos sociais, das entidades de classe e, talvez, de outros tempos. (FAVACHO, 2014, p. 63)

Favacho (2014) ainda identifica que a dinâmica do professor - que pode ajudar a pensar a dinâmica das professoras que serão sujeitos da mencionada pesquisa - é o “movimento que faz o professor aderir ao seu próprio saber e transgredi-lo; a doar para o Estado e para a Universidade a parte visível de seu saber e guardar para si o segredo da profissão”. Ou seja, tal como uma astúcia, em que “a ordem é exercida por uma arte’ [...] ao mesmo tempo exercida e burlada” (CERTEAU, 2021 *apud* GIARD, 2021, p. 19) e que tem, como ganho, pequenos sucessos.

Tal problematização, como dito, busca compreender a experiência ética a partir da moralidade dos comportamento, ou seja, a relação do sujeito de si para si. Essa relação é dada a partir de uma ascese, em um sentido geral - e não em sentido de renúncia -, portanto, a partir de um exercício de si sobre si mesmo, a fim de se transformar a si mesmo e atingir certo modo de ser. Trata-se de uma prática de autoformação do sujeito; uma prática de si do sujeito na relação com as verdades que lhe são impostas (FOUCAULT, 2017a).

Retomemos a noção de experiência para nos ajudar a compreender a constituição dos sujeitos na relação de si para si, ou seja, como uma moralidade dos comportamentos:

Uma coisa é uma regra de conduta; outra, a conduta que se pode medir a essa regra. Mas outra ainda é a maneira pela qual é necessário “conduzir-se” – isto é, a maneira pela qual se deve construir a si mesmo como sujeito moral, agindo em referência aos elementos prescritivos que constituem o código. (FOUCAULT, 2012, p. 34).

A experiência ética é constituída a partir das variadas práticas ou técnicas de si utilizadas pelos sujeitos na relação com as verdades que lhes são impostas. De acordo com Foucault (2012),

[...] [as práticas] são técnicas de si que permitem aos indivíduos efetuar, sozinhos ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre o seu corpo e sua alma, seus pensamentos e condutas, seu modo de ser; transformar-se a fim de atingir certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria. (p. 18).

Nessa perspectiva, entendemos que as professoras constituem para si mesmas uma experiência docente, pois, de maneira ativa, por meio da prática das astúcias, ressignificam a docência a partir das relações que estabelecem com as verdades que lhes são impostas pelo Estado, pela universidade e pela gestão escolar.

### **A análise do sujeito ético proposta por Michel Foucault**

Foucault (2012) elaborou a noção de experiência ética nos seus estudos sobre o sujeito ético. Procurou compreender, assim, como o sexo tornou-se objeto de problematização moral, analisando a relação entre as morais filosóficas da Antiguidade pagã e a moral cristã. O filósofo verificou que os antigos pagãos não eram indiferentes à abstinência sexual rigorosa ou à castidade, práticas geralmente associadas à moral cristã. Foucault (2012) procurou compreender, então, como os sujeitos constituíram uma ética na relação com o desejo; ele fez uma genealogia do desejo, apresentando a seguinte proposta metodológica:

[...] em vez de perguntar quais são os elementos de código que o cristianismo pôde tomar emprestado ao pensamento antigo, e quais são os que acrescentou por sua própria conta a fim de definir o que é permitido e o que é proibido na ordem de uma sexualidade supostamente constante, conviria perguntar de que maneira, na continuidade, transferência ou modificação dos códigos, as formas de relação para consigo (e as práticas de si que lhes são associadas) foram definidas, modificadas, reelaboradas e diversificadas. (FOUCAULT, 2012, p. 40).



É preciso ressaltar, e aqui o filósofo aponta uma ruptura, que as prescrições sobre o uso dos prazeres na Antiguidade conduziam os sujeitos temperantes a uma existência estética, enquanto as proibições e interdições sobre a conduta sexual na moral cristã associam o sexo “ao mal, ao pecado, à queda, à morte” (FOUCAULT, 2012, p. 21).

O método utilizado pelo filósofo para construir uma história da subjetividade aponta um caminho de análise possível para compreender a dinâmica da experiência docente das professoras a serem pesquisadas no estudo em questão, qual seja: verificar a relação entre esses sujeitos e a mulher que emerge com a família burguesa, a assim chamada “rainha do lar” - experiência singular que será melhor apresentada na seção seguinte -, a dona de casa; a mulher que, ainda que se encontrasse em um estado de dominação do qual não conseguia se ver livre, fazia, por meio de um certo número de astúcias, “uma porção de coisas” para enganar o marido (FOUCAULT, 2017a). É preciso, assim, “perguntar [nessa relação] de que maneira, na continuidade, transferência ou modificação dos códigos, as formas de relação para consigo (e as práticas de si que lhes são associadas) foram definidas, modificadas, reelaboradas e diversificadas” (FOUCAULT, 2012, p. 40). Isso porque as práticas de si - aqui nos repetimos - não são práticas que o próprio indivíduo invente. As práticas de si são esquemas que ele encontra na cultura e que lhes são propostos, que lhes são sugeridos (FOUCAULT, 2017a).

O movimento a ser feito neste estudo vai ao encontro da prática filosófica proposta por Foucault (2012, p. 15) de “pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe”. O desafio é compreender em que medida o trabalho filosófico de pensar a própria história - neste caso, a história da docência - pode liberar o pensamento para pensar diferentemente. A aposta que fazemos é pensar as práticas das professoras como positivities, em lugar de pensá-las como inércias em relação ao desenvolvimento do trabalho pedagógico escolar. Ressaltamos que, ao explicitar e positivar tais práticas, um caminho necessário a ser trilhado é compreender como essa experiência docente pode contribuir com o trabalho pedagógico no cotidiano das escolas de educação infantil.

### A “rainha do lar” astuta

Para localizar os esquemas da cultura que as professoras encontram - aqueles que lhes são propostos e sugeridos e com os quais se relacionam para constituírem para si uma experiência docente -, procuraremos, como dito, traçar relações entre essa experiência e a assim chamada “rainha do lar”, mulher emergente da família mononuclear burguesa. Nesse aspecto, é pertinente observar a forma como a estrutura conjugal da família burguesa foi apresentada por Foucault (2017a) como exemplo para pensar a resistência:

[...] não se podia dizer que só havia o poder do homem; a mulher podia fazer uma porção de coisas: enganá-lo, surrupiar-lhe o dinheiro, recusar-se sexualmente. Ela se mantinha, entretanto, em estado de dominação já que tudo isso não passava finalmente de um certo número de astúcias que jamais chegavam a inverter a situação. Nesse caso de dominação - econômica, social, institucional ou sexual o problema é de fato saber onde vai se formar a resistência. (p. 271).

Desse modo, para Foucault (2017a), a mulher emergente no contexto da família burguesa podia fazer, por meio de um certo número de astúcias, “uma porção de coisas” para enganar o marido.

Ressalta-se que Foucault (2017a) apresenta esse exemplo - da estrutura conjugal da família burguesa - para explicar o que ele entende por poder, diferenciando-se do entendimento mais comum acerca do termo. Assim, “quando se fala de poder, as pessoas pensam imediatamente em estrutura política, em governo, em uma classe social dominante, no senhor diante do escravo” (FOUCAULT, 2017a, p. 270). Para o filósofo, não se trata de um poder localizado no Estado ou em um indivíduo; o poder está sempre presente nas relações humanas, quaisquer que sejam elas. Na relação de poder - ele utiliza “relação de poder” em lugar de “poder” -, “cada um procura dirigir a conduta do outro” (FOUCAULT, 2017a, p. 270). Ele salienta, ainda, que as relações de poder só são possíveis quando os sujeitos são livres, ainda que seja uma certa forma de liberdade. “Isso significa que, nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência - de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertam a situação” (FOUCAULT, 2017a, p. 270). Portanto, onde há poder, há necessariamente possibilidades de resistência.

Dito isso, retomemos a condição da mulher da estrutura conjugal da família burguesa, para a qual ainda eram possíveis subterfúgios. Ainda que esses subterfúgios não chegassem a inverter a situação, tratava-se de saber onde poderia se formar a resistência. A essa mulher - encontramos ressonâncias disso ainda hoje - era(é) reservado o espaço doméstico; ela se ocupava(ocupa) com questões da casa e, também, com o cuidado e a educação dos filhos.

Esse poder, que reserva para a mulher o espaço doméstico, é o biopoder, um poder operado pelo Estado a partir do século XVII, um poder que se ocupa em gerar a vida, exercendo um controle sobre as populações (FOUCAULT, 2017b). O biopoder centrou-se, primeiro, no corpo-máquina, “no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos” (FOUCAULT, 2017b, p. 150). Um pouco mais tarde, em meados do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, “a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-lo variar” (FOUCAULT, 2017b, p. 150). Vale destacar que, para Foucault (2017b, p. 151), “esse biopoder [...] foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos”. Assim, por meio do biopoder, o corpo da mulher é regulado, tendo sua fecundidade controlada e assegurada, tornando-a elemento substancial e funcional do corpo familiar, uma vez que se ocupa com o cuidado e a educação dos filhos.

Os estudos mais atuais, elaborados por Butler (2003), defendem que, além de centrar-se no corpo-máquina e no corpo-espécie, o biopoder busca categorizar os corpos e impor certos comportamentos, ou seja, tenta impor uma performatividade de gênero. Ainda, para a autora, as normas que regulam o sexo - ou o dispositivo da sexualidade em Foucault (2017b) - aparecem como se estivessem localizadas fora do discurso ou independente da linguagem; aparecem como se fossem uma essência (BUTLER, 2003). Nesse sentido, a noção de performatividade de gênero desvela a ideia de essência, denuncia a imposição, desvela o poder, uma vez que “gênero é o aparato discursivo cultural através do qual ‘natureza sexual’ ou ‘sexo natural’ são produzidos e estabelecidos como ‘pré-discursivo’, como prévios à cultura, uma superfície politicamente neutra na qual a cultura age” (SAFLATE, 2017, p. 186).

Nessa direção, nossa hipótese é que essas professoras encontram, na “rainha do lar”, elementos da cultura - dessa cultura que age sobre o gênero e sobre ele impõe uma performatividade - para construir uma experiência docente. Isso porque, de uma maneira ativa, por meio das práticas das astúcias - possivelmente - tal como a “rainha do lar”, elas sabem onde pode se formar a resistência. Operam, assim, resistências, desvios e rupturas em relação às verdades sobre a docência que lhes são impostas, advindas do Estado, da universidade e da gestão escolar.

### **A “rainha do lar” e a feminização do magistério**

Para identificar os elementos da cultura que servem à experiência docente das professoras em questão, é preciso considerar, ainda, a feminização do magistério que, no Brasil, ocorre a partir do final do século XIX. Nesse período, “o campo educacional expandiu-se quantitativamente [...] o magistério passava cada vez mais à população de baixa renda, desvalorizada, portanto, na óptica capitalista” (VILLELA, 2000, p. 120). É importante ressaltar que, até aquele momento, à mulher “rainha do lar” era reservado o espaço privado, sendo-lhe vetada a participação no espaço público, como, por exemplo, exercer uma profissão remunerada. Portanto, as professoras eram diferentes das mulheres “normais”, ou seja, eram diferentes das que continuavam se ocupando dos cuidados da casa e dos filhos. Então, professoras eram associadas a mulheres marginais - a louca e a prostituta; uma professora, “por ser livre, solteira e desempenhar um trabalho assalariado, representava uma constante ameaça aos valores e à estrutura familiar” (VILLELA, 2000, p. 119) - um efeito do biopoder.

Com a feminização do magistério, esse discurso se desconstrói e, no lugar da mulher que ameaça os valores e a estrutura familiar, surge a imagem da professora como um ser naturalmente “puro”, ligada à maternagem e à domesticidade, justamente os elementos que compõem a figura da “rainha do lar”.

No final da década de 1990, Carvalho (1999) procurou pesquisar a natureza da dimensão do cuidado praticado pelas professoras dos anos iniciais do ensino fundamental que foram sujeitos de sua pesquisa. O objetivo foi “construir uma abordagem sócio-histórica do cuidado, como conjunto de práticas contextualmente produzidas, centrando [...] [a] atenção sobre as práticas escolares de ‘cuidado’” (CARVALHO, 1999, p. 16). A autora associou o cuidado a uma prática ligada à

feminilidade e à domesticidade; para ela, as mulheres professoras combinam referências domésticas e profissionais, trazendo habilidades da maternagem para a escola. Além disso, identificou os “limites de um enfoque que relacionava as formas atuais de ‘cuidado’ diretamente à feminilidade e às mulheres e apresentava como um valor ético e universal” (p. 16).

Nesse mesmo estudo, Carvalho (1999, p. 13) identificou, entre as professoras pesquisadas, um comportamento que também percebemos em professoras de educação infantil da Rede Municipal de Belo Horizonte: “grande dificuldade em utilizar a palavra em espaços por elas considerados públicos, tais como reuniões na escola”. A pesquisa apresenta o estudo histórico da vida privada, se debruçando sobre a história da família mononuclear que emerge junto com a burguesia, tomando as práticas do cuidado como objeto de estudo.

Nesse sentido, a feminização do magistério aponta um caminho possível para pensar a relação entre as professoras, sujeitos da pesquisa em questão e a assim chamada “rainha do lar”.

### Os estudos nos/dos/com os cotidianos

Para realizar a pesquisa proposta aqui ou, utilizando os termos de Certeau (2021), para “fazer uma teoria das práticas” das professoras astutas, é preciso localizar as maneiras de fazer que não aparecem, a não ser a título de resistências no sentido de inércias em relação ao desenvolvimento (GIARD, 2021). Ao que tudo indica, a pesquisa em andamento aponta elementos que sugerem que as práticas das professoras a serem analisadas - a experiência docente aqui desenhada - são inércias em relação ao desenvolvimento do trabalho pedagógico escolar. Essa compreensão é uma primeira aproximação, para, em seguida, pensarmos suas positivities nas “artes de fazer”, isto é, as astúcias identificadas por Certeau (2021).

Importante lembrar que, para Foucault (2012, p. 35), as práticas são “técnicas de si”, ou seja, um “trabalho que se efetua sobre si mesmo [...] para tentar se transformar a si mesmo em sujeito moral de sua própria conduta”, uma ascese na constituição da experiência ética. A seu turno, Certeau (2021) entende que as práticas são uma “arte do fazer” presente na cultura do homem ordinário, presente no cotidiano. Trata-se, nas palavras de Giard (2021, p. 19), de “um estilo de invenções e técnicas e

um estilo de resistência moral”. Nesse sentido, as práticas são uma arte que guarda um saber que precede os eruditos, “aquilo que é prática pura sem teoria” (CERTEAU, 2021, p. 130). O autor esclarece que uma “arte do fazer”,

[...] enquistada na particularidade, desprovida de generalizações que fazem a competência exclusiva do discurso, [...] [não] deixa de formar um “sistema” e organizar-se por “fins” – dois postulados que permitem a uma ciência e a uma ética conservar em seu lugar o discurso “próprio” de que está privada, isto é, escrever-se no lugar e em nome dessas práticas. (CERTEAU, 2021, p. 131).

Essa “arte do fazer” guarda um saber ainda não evidente, “uma operatividade imediata e precisa, mas privada de linguagem e consciência, já sabida, mas ainda inculta” (CERTEAU, 2021, p. 131). Para Foucault (2015), essas práticas guardam o saber histórico das lutas; são “saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento ou de cientificidade” (p. 266) e, arriscamos dizer, que “nem por isso deixa de formar um ‘sistema’ e organizar-se por ‘fins’” (CERTEAU, 2021, p. 131). É possível estabelecer, portanto, uma relação entre as duas noções de prática, na medida em que a “arte de fazer”, essa “prática pura, sem teoria” (CERTEAU, 2021, p. 130) constitui uma “técnica de si”. Assim, e mais uma vez, entendemos que, por meios da prática das astúcias, as professoras constituem para si um estilo de docência, ou seja, uma experiência docente.

### **Considerações finais**

A recomendação “da porta para dentro, a turma é sua”, que costuma reforçar a autonomia do(a) professor(a) no trabalho com os(as) estudantes, é pronunciada entre professoras de educação infantil da Rede Municipal de Belo Horizonte, em uma situação específica: quando não há escuta das demandas por parte dos gestores nas reuniões escolares. Desse modo, a frase preconiza que, independentemente das orientações acerca do trabalho pedagógico que resultam das reuniões com a gestão escolar, quando “fecha a porta da sala”, a professora age a partir de outros esquemas, operando resistências, rupturas e desvios em relação às normas oficiais e em relação ao campo teórico. Dessa forma, as professoras encontram possibilidades de atuar com base em outros saberes, utilizando outras práticas didáticas, métodos, conteúdos e discursos



colocando em prática um currículo próprio, um currículo outro; guardando pra si os segredos da profissão.

Isso parece ser alcançado por meio de um certo número de astúcias, maneiras de fazer as coisas, como buscar atividades a serem desenvolvidas com os estudantes em sites e blogs de professoras e, na mesma medida, escapar de análises e reflexões do campo teórico.

A pesquisa de doutorado em educação em andamento aqui apresentada realizou, por meio deste artigo, uma revisão de literatura com as principais noções que estão sendo utilizadas nas análises: experiência ética em Michel Foucault e astúcias em Michel de Certeau. As análises apresentadas neste artigo possibilitam inferir que, muito possivelmente, as professoras a serem pesquisadas constituem para si mesmas uma experiência docente; de maneira ativa, elas ressignificam a docência a partir das relações que estabelecem com as verdades que lhes são impostas pelo Estado, pela universidade e pela gestão escolar.

Ainda, foi possível elaborar algumas análises iniciais que indicam que a experiência docente das professoras acontece na relação com a figura da “rainha do lar”, mulher que emerge com a família burguesa e que, ainda que se encontrasse em um estado de dominação do qual não conseguia se ver livre, fazia, por meio de um certo número de astúcias, “uma porção de coisas” para enganar o marido (FOUCAULT, 2017a) - no caso das professoras, para enganar a gestão escolar. A aposta que fazemos é pensar as práticas das professoras, suas artes de fazer como positivities, em lugar de pensá-las como inércias em relação ao desenvolvimento do trabalho pedagógico escolar proposto por outras instâncias.

Os dados preliminares utilizados para a construção dessas primeiras aproximações foram coletados a partir da vivência de uma das autoras deste artigo no cotidiano das escolas a serem pesquisadas. Também nos servimos de pesquisas que dizem do campo teórico e temático para a construção das análises até aqui apresentadas. O trabalho ainda se desdobra por meio da construção de outros documentos de pesquisa: um levantamento de produções para elaboração do Estado da Arte, bem como o caderno de entrevistas, que serão analisados em outras produções.

## Referências

ALVES, Nilda et al. Como e até onde é possível pensar diferente? Micropolíticas de currículos, poéticas, cotidianos e escolas. *Revista Teias*. v. 13, n. 27, p. 49-66, jan./abr. 2012.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero, feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Marília Pinto de. *No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo: Xamã, 1999.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Trad. Ingrid Müller Xavier. Revisão Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano - 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2021.

FAVACHO, André Márcio Picanço. A docência como experiência ética: aproximações entre os estudos foucaultianos e a prática docente. *Horizontes USF*, Itatiba, 2019.

FAVACHO, André Márcio Picanço. A problematização moral da docência. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 5, n. 1, p. 48-71, jan./jun. 2014.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017a.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural do Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017b.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 13. ed. São Paulo: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIARD, Luce. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano - 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2021.

SAFLATE, Vladimir. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler. In: BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo, crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

VILLELA, Heloisa de O. S. O mestre escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica. 2000. p. 95-134.

Recebido em abril de 2023.  
Aprovado em julho de 2023.